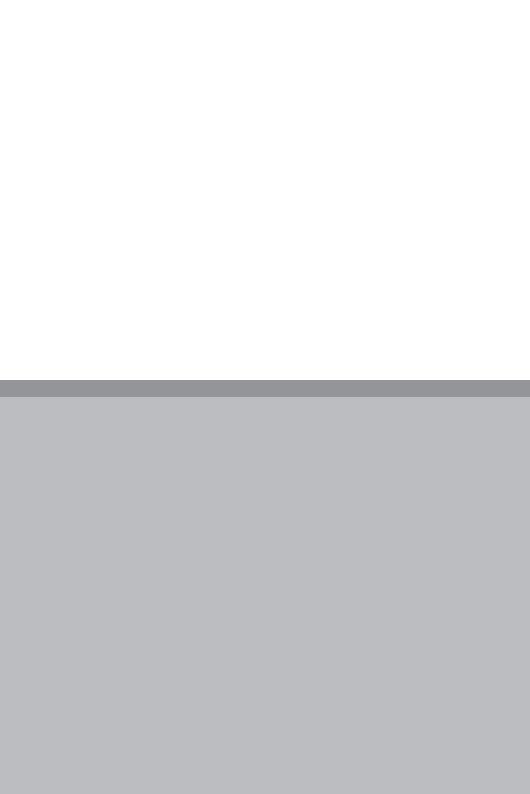
Do MEB à WEB O rádio na Educação





Do MEB à WEB O rádio na Educação

Nelson De Luca Pretto Sandra Pereira Tosta

autêntica

Copyright © 2010 Os organizadores

COORDENADORA DA COLEÇÃO CULTURA, MÍDIA E ESCOLA Sandra Pereira Tosta

CONSELHO EDITORIAL

Marco Antônio Dias — Universidade Livre das Nações Unidas; Tatiana Merlo Flores — Instituto de Investigación de Medias e Universidade de Buenos Ayres; Paula Montero — USP e CEBRAP; Graciela Batallán — Universidade de Buenos Ayres; Mirian Goldemberg — UFRJ; Neusa Maria Mendes de Gusmão — Unicamp; Márcio Serelle — PUC Minas; Angela Xavier de Brito — Université René Descartes-Paris V; José Marques de Melo — USP e Cátedra UNESCO/Metodista de Comunicação; Joan Ferrés i Prates — Universidad Pompeu Fabra-Barcelona.

CAP

Alberto Bittencourt

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA Conrado Esteves

REVISÃO

Ana Carolina Lins

Revisado conforme o Novo Acordo Ortográfico.

Todos os direitos reservados pela Autêntica Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

AUTÊNTICA EDITORA LTDA.

Rua Aimorés, 981, 8º andar . Funcionários .30140-071 . Belo Horizonte . MG Tel: (55 31) 3222 68 19

Televendas: 0800 283 13 22 www.autenticaeditora.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Do MEB à WEB: o rádio na Educação / Nelson De Luca Pretto, Sandra Pereira Tosta (organizadores). -- Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2010. --(Cultura, Mídia e Escola)

ISBN 978-85-7526-448-5

Comunicação de massa na educação 2. Educação e comunicação
 Inovaçoes educacionais 4. Internet (rede de computadores)
 Mídias digitais 6. Rádio na educação 7. Tecnologia da informação e da comunicação
 Tecnologia educacional I. Pretto, Nelson De Luca. II.
 Tosta, Sandra Pereira. III. Série.

10-04549 CDD-371.33

Índices para catálogo sistemático:

- 1. Educação e tecnologias digitais 371.33
- 2. Tecnologias digitais na educação 371.33

Sumário

PREFACIO: De "ouvintes" a "falantes" da radio, o	
desafio educativo com os novos "radiouvintes" Guillermo Orozco Gómez	7
Apresentação	13
O RÁDIO E A EDUCAÇÃO: a experiência do MEB e as contribuições para a Educação popular	19
Mídia, Educação e Cultura Popular: notas sobre a revolução sem violência travada em Pernambuco no tempo de Arraes (1960-1964)	41
RÁDIO WEB NA EDUCAÇÃO: possibilidades e desafios Nelson De Luca Pretto Maria Helena Silveira Bonilla Carla Sardeiro	59
RÁDIOS LIVRES E COMUNITÁRIAS, LEGISLAÇÃO E EDUCOMUNICAÇÃO	81

A RÁDIO COMUNITÁRIA NA CONSTRUÇÃO	
DA CIDADANIA E DA IDENTIDADE	93
Lílian Mourão Bahia	
Para criar o site Radioforum,	
EM BUSCA DE UM RÁDIO INVENTIVO	105
Mauro José Sá Rego Costa	
RÁDIO COMO POLÍTICA PÚBLICA:	
uma experiência paradigmática	
em educomunicação	115
O rádio dos meninos	131
Fábio Martins	
DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NA RÁDIO FAVELA FM:	
percursos discursivos e a ciência	
na ausência da imagem	143
Ana Paula Bossler	
Soluções em software livre para rádio web	151
Nelson De Luca Pretto, Maria Helena Silveira Bonilla,	
Fabricio Santana, Bruno Gonsalves, Mônica de Sá Dantas Paz e Hilberto Mello	
A RÁDIO WEB UNIVERSITÁRIA COMO MODALIDADE	
EDUCATIVA AUDIOVISUAL EM CONTEXTO DIGITAL:	
os casos da Espanha e de Portugal	175
Marcelo Mendonça Teixeira, Juan José Perona Páez	
e Mariana Gonçalves Daher Teixeira	
Publikadio.net: desenho, desenvolvimento e	
avaliação de materiais didáticos on-line	
para a formação em comunicação	197
Os autores	205

Prefácio

De "ouvintes" a "falantes" da rádio, o desafio educativo com os novos "radiouvintes"

Guillermo Orozco Gómez

Na América Latina, o rádio tem sido um meio de comunicação de massa especialmente apreciado e usado por grupos e organizações sociais para fins culturais e educativos. Neste livro, Cicília Peruzzo nos lembra que em muitos países o rádio de fato penetrou nas sociedades como um meio de comunicação a serviço destas. No entanto, não apenas no Brasil, como também no México, na Bolívia e na Colômbia – para citar somente três casos –, as emissoras radiofônicas educativas têm sido pioneiras na Educação a distância e na criação de modelos sociopedagógicos efetivos, muitos dos quais transcenderam o continente e inspiraram outras rádios em outras latitudes. Programas radiofônicos como o "Jurado Trece" (Jurado Treze), do "educomunicador" Mario Kaplún, fizeram história no Uruguai com o uso sociopolítico-educativo do rádio na década de 1960, especialmente no que diz respeito a esforços educativos com comunidades de base, já que o programa convocava o envolvimento dos radiouvintes em debates com seus vizinhos, do que podia resultar até mesmo uma manifestação pública de radiouvintes dirigida, na realidade, para denúncias e exigências específicas.

A Radio Santamaría, na Colômbia, e a Erbol, na Bolívia, além de muitas outras rádios em países da América Central e do Caribe, serviram de fonte de conhecimento e informação a milhares

de radiouvintes latino-americanos, de costa a costa do continente. Boa parte do conhecimento sobre os direitos humanos e os direitos dos cidadãos ganhou forma através da escuta radiofônica por amplos setores da população desses países.

As rádios nacionalistas que transmitem música nativa e informação sobre as regiões de origem dos migrantes residentes em outros países não somente ofereceram entretenimento e Educação, como também mantiveram vivas a conexão e a esperança em milhares de cidadãos ao redor do mundo, mesmo que vivessem em condições adversas nos lugares de sua migração. O caso da programação radiofônica para os imigrantes espanhóis na Alemanha do pós-guerra foi exemplar em reforçar sua identidade e sua cultura e, ao mesmo tempo, sua atitude política favorável a uma democracia, o que ajudou os espanhóis que viviam no estrangeiro a votarem em Adolfo Suárez para primeiro presidente de seu país depois da morte do ditador Francisco Franco. De modo similar, mas na própria terra, as programações nacionalistas buscaram a coesão social e a Educação informal dos ouvintes, como aconteceu por décadas e até agora no caso da "Hora Nacional", no México, que se ouve nas noites de domingo em todas as emissoras de rádio do país. E, da perspectiva da autonomia, o caso das radiodifusoras indigenistas existentes no México e em muitos países latino-americanos teve também a missão de fomentar e reforçar a Educação, a língua nativa e a identidade comunitária de comunidades minoritárias dentro de culturas hegemônicas.

O papel positivo e incitador e o valor educativo, cultural e político da rádio são inquestionáveis. Diante desse fato, seria possível continuar citando exemplos de casos notáveis em cada país, dentro e fora da América Latina. A grande maioria das propostas educativas radiofônicas considerava os radiouvintes como audiências às quais se deveriam dirigir mensagens específicas visando a consecução de diversas metas e objetivos de conhecimento. Esse esforço, fundamentalmente difusor e transmissor de informações, muitas vezes também conseguia, em certo sentido, transcender e mobilizar os radiouvintes como cidadãos, o que tornou evidente o potencial inspirador e incitador próprio do meio radiofônico.

Mas o que acontece quando o avanço tecnológico e, especialmente, a convergência de tecnologias nos permitem deixar de ser somente audiências de meios – isto é, radiouvintes, ouvintes, afinal de contas – para ser também usuários, ou seja, emissores e produtores, falantes, e não somente receptores? Essa é talvez a grande questão que tem de ser abordada no uso educativo da rádio e dos demais meios e suportes tecnológicos que nos circundam atualmente. E é uma das razões para que este livro fosse escrito e deva ser lido.

Como usar a rádio hoje, no final da primeira década do século XXI, para a Educação da sociedade? Mais que uma pergunta que precise de respostas exatas ou de fórmulas, tratase de um desafio singular à criatividade e à reflexão que requer coordenação de ideias, experimentação, propostas inovadoras, técnicas e estratégicas, sobretudo pedagógicas, como bem propõem aqui Pretto e Tosta, organizadores deste livro. Tudo isso com muita consciência do que significa a convergência das novas tecnologias e dos velhos meios de comunicação, além de uma boa dose de utopia.

A possibilidade de haver, ao mesmo tempo, alcance maciço e intensivo das audiências é um dos elementos que permanecem e deveriam continuar presentes nas tentativas contemporâneas e futuras em prol de uma Educação midiática e, especialmente, radiofônica. Nesse sentido, não se trataria de abolir essa possibilidade de alcance que a rádio e outros meios de comunicação de massa usaram muito bem para chegar aos grandes setores de audiências na América Latina e que, ao mesmo tempo, lhe permitiram focar em setores específicos de audiência, ou grupos, ou comunidades, ou distritos, como Ismar de Oliveira nos conta em seu capítulo, referindo-se ao projeto de rádios nas escolas de São Paulo.

A rádio educativa e cultural, além de fortalecer a Educação e a Cultura, também proporcionou *entretenimento e diversão*, e foi escutada em momentos diferentes da cotidianidade das audiências para recompensar ou satisfazer diferentes necessidades, não somente aquelas estritamente de conhecimento e informação.

As rádios possibilitaram, de muitas maneiras, hábitos de escuta e de atenção entre suas audiências, além de rituais e modos específicos de interação com seus conteúdos e transmissões e de satisfação de suas necessidades comunicativas e informativas, assim como de relaxamento.

Há histórias com as estações de rádio e histórias nas quais esse meio foi e é protagonista da memória individual e coletiva, da lembrança e da criação de expectativas a prazo de amplos setores dos radiouvintes. Por isso, outro dos elementos que deveria continuar na etapa digital é o fortalecimento dos referentes coletivos que sempre se formaram com e em torno da rádio. O sentido de pertinência e a recriação das identidades próprias de comunidades, organizações populares, regiões e nações não deveriam desaparecer das novas propostas de usos educativos da rádio.

Como bem anunciam vários dos capítulos deste livro, a digitalização impõe mudanças na maneira tradicional de se fazer Educação através da rádio. A rádio se encontra com outras telas e é alimentada a partir de fontes muito diferentes, não só a partir dos próprios educadores que a usam para fins de aprendizagem e conhecimento. Assim, a rádio entra numa dinâmica de possibilidades inéditas para o intercâmbio informativo, a produção de conhecimento e a própria Educação.

Um ponto que vai ficando claro é que enfrentar o desafio educativo radiofônico ante a digitalização e a interatividade que ela propicia é um esforço complexo com múltiplas possibilidades. Uma delas é a transformação de suas propostas para serem colocadas em diferentes plataformas tecnológicas. Outra é a ampliação de sua interconexão através de redes de usuários dos conteúdos radiofônicos. Ainda outra é a localização da rádio em canais que a transcendam - audiovisuais e multimídias -, como bem mostram alguns dos casos de radiodifusoras espanholas e portuguesas universitárias descritas nos últimos capítulos deste livro.

A rádio, como nunca antes, é muito mais que somente rádio. Muito mais que apenas um canal e uma linguagem sonoros, muito mais que unicamente uma dimensão auditiva para a transmissão de sons e informações. É também um estímulo múltiplo que, embora se inicie com a escuta, deve mudar para outras dimensões sensoriais em que intervenham mais sentidos.

Porém, o que talvez está sendo mais desafiado e deve se transformar, como reitera Nelson Pretto no seu capítulo, é o som, as pedagogias. Com a rádio, do mesmo modo que acontece com outros meios e tecnologias, a grande demanda tem a ver com as maneiras e as lógicas de se fazer Educação.

Deve-se ter em mente que não estamos somente passando por mudanças tecnológicas importantes, como é a passagem para a era digital com todo o potencial que isso traz consigo. Estamos também migrando de paradigmas cognitivos e estratégias organizacionais para realizar Educação.

Martín-Barbero colocou de maneira lúcida e sincera essa grande mudança quando disse que estamos passando de uma sociedade com um sistema educativo para uma sociedade da Educação, na qual a aprendizagem e o conhecimento não só dependem da escola e das instituições educativas formais, mas também de múltiplas fontes, dentre as quais se destacam as diversas telas a que se tem acesso hoje em dia.

Entretanto, junto a essa grande mudança é preciso acrescentar mais outra, que tem a ver com a migração de um paradigma de conhecimento centrado na transmissão e na memorização ou na cópia dos modelos, para outro paradigma, onde o que importa é o ensaio e o erro, ou seja, a experimentação, via criatividade e busca múltipla, até obter descobrimentos.

E é justamente nesse segundo paradigma no qual devem se localizar os esforços presentes e futuros da rádio educativa, já que, ao mesmo tempo, a terceira e maior de todas as mudanças contemporâneas é a de nos transformarmos de seres ouvintes em seres falantes, diante do meio de comunicação e suas propostas ou referentes, aos quais antes só podíamos reinterpretar, mas não desconstruir.

Não se requer apenas estimular o diálogo das radiodifusoras com terceiros, como fez a rádio educativa nos melhores

momentos de sua história. Agora se trata de propiciar a interação real dos usuários da rádio com os próprios conteúdos para a expressão, transcendendo a mera recepção radiofônica. O desafio parece fácil, embora seja complexo. Como educar para a fala, para a expressão através da escuta radiofônica? Propiciando a expressão e produção comunicativa dos radiouvintes convertidos em emissores de sua própria palavra.

Sendo assim, nessa dimensão, o rádio - e qualquer outro meio em perspectiva educativa - deve assumir a participação real dos receptores na conformação de seus processos educativos, de seus materiais e conteúdos, assim como de suas estéticas. Deve-se facilitar a expressão múltipla e criativa dos envolvidos no processo radiofônico, desde os que comandam a cabine de onde se envia o sinal até aqueles que o recebem, o retrabalham ou o desconstroem, e o reenviam, transformado, para reiniciar ou continuar o processo de interação, dentro do qual vão ocorrendo as aprendizagens, e no qual vai germinando o conhecimento.

Do MEB à WEB contém uma série de reflexões, propostas, análises e narrações de experiências significativas e específicas que possibilitam uma visão de conjunto dos caminhos e critérios factíveis para a futura radio educativa. Nesse sentido, este é um livro que abre espaço para se abordar, no cenário contemporâneo dos meios e tecnologias, possíveis estratégias educativas, com e a partir da rádio, relevantes para seus novos usuários no mundo digital.

Apresentação

Esta é uma conversa que se estabeleceu através da web. É uma conversa que foi gerando novas conversas – muitos emails – e que terminou sendo escrita a quatro mãos, separadas por um oceano, e com a participação de muita gente.

Tudo começa com uma historinha ocorrida em um mês de julho de um passado não muito distante, lá pelo final de década de 1970, nos corredores da Pontificia Universidade Católica (PUC) de São Paulo (ou foi na do Paraná, a memória talvez nos traia!). Corríamos desesperados procurando a diretoria da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) para impedir que a Polícia Federal tirasse do ar e prendesse os integrantes de um grupo de jovens ligado ao movimento de rádios livres, que transmitia ao vivo a SBPC para a própria SBPC. Foi uma luta de uma tarde inteira, e a diretoria da SBPC à época não fazia quase nada! Vários pesquisadores se mobilizaram para evitar essa violência, e a rádio continuou a funcionar e os equipamentos não foram apreendidos.

Um pulo no tempo nos leva a outra reunião da SBPC, dessa vez uma regional, ocorrida em Teresina, no Piauí. Estávamos no almoço, Nelson e o professor José Peixoto Filho conversavam sobre as propostas que poderíamos apresentar para outras

reuniões regionais da SBPC. Era uma conversa afiada, Nelson falava sobre os projetos de pesquisa que envolviam tecnologias da informação e comunicação, e Peixoto, sobre suas pesquisas e experiências na época do Movimento de Educação de Base (MEB), na década de 1960. Imediatamente, com as histórias que contava sobre o MEB, veio à cabeça um movimento da letra M virando W e, nasceu assim, o projeto "Do MEB à WEB: o rádio na Educação". Para dar início à proposta, elaboramos um projeto de pesquisa, submetido ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC) na Universidade Federal da Bahia (UFBA), que foi sendo tocado desde o ano de 2004. De lá para cá, muita coisa aconteceu, como o leitor poderá ver neste livro.

As pesquisas que deram origem a esta publicação, nos nossos grupos na Universidade Federal da Bahia e na Pontificia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), estão integradas a projetos maiores, com apoios diversos entre os quais os da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Dessas pesquisas, foram tecidas novas redes de conexões. Na Bahia, elas possibilitaram, entre outras ações e produções, a implantação de duas rádios web, uma na Faculdade FACED/UFBA e outra no município de Irecê, a 500 km de Salvador, como parte de um projeto maior de formação de professores, em parceria com a Prefeitura daquela cidade, que inclui a presença de um ponto de cultura (Ciberparque Anísio Teixeira, com apoio do Ministério da Cultura) e do projeto Tabuleiros Digitais (apoiado no seu início pela Petrobras).

Por outras bandas, nas muitas Minas de Guimarães Rosa, de muitos modos e muitas formas, estamos, desde os anos 1970/1980, especialmente a partir das andanças pelo Vale do Jequitinhonha, dialogando sobre as possibilidades de uma comunicação comprometida com as necessidades e expectativas populares. Tempos de muitos sonhos, nos quais já tentávamos ler

a mídia pela ótica de autores como Paulo Freire, Martin Barbero, Armand Mattelart e tantos outros. Experiência que começa a se rearticular hoje, em torno do Grupo de Pesquisa em Educação e Culturas (EDUC), do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC Minas, que tem, entre seus temas de investigação, a mídia e as sociabilidades contemporâneas, estimulando alunos, em geral professores da Educação básica, a incorporar em sua formação e prática essa inevitável e fundamental relação entre cultura, mídia e escola, para o melhor entendimento das aprendizagens em tempos de hipertecnologias.

Dessas conversas espichadas e não interrompidas "ao pé do meio digital", especialmente entre os organizadores desta publicação, nasceu este livro com o objetivo de contribuir com a discussão e práticas dos usos do nosso velho e bom companheiro rádio e de sua reinvenção digital, web rádio, na Educação. O que buscamos, portanto, foi pensar de forma ampla a questão da Educação e da Comunicação, convidando não apenas autores que concordassem com uma ou outra abordagem da temática, que é ampla e complexa por sua própria natureza. Consideramos importante incorporar à essa discussão a questão dos softwares livres, pela sua importância estratégica na conjuntura contemporânea, uma vez que, para a Educação e a Cultura, esse movimento é chave para contribuir com a emancipação do País em termos científicos e tecnológicos.

O leitor poderá trafegar por diversas abordagens e experiências educativas com o rádio no Brasil e em outros países. Os artigos de José Peixoto Filho e de José Marques de Melo, ambos sobre o Movimento de Educação de Base (MEB), são o mote histórico e articulador dos demais escritos. Em "O Rádio e a Educação: a experiência do MEB e as contribuições para a Educação popular", Peixoto Filho registra e analisa a experiência de um programa radiofônico voltado para a Educação de trabalhadores rurais no nordeste, projeto assumido por parte da Igreja Católica no Brasil. Por outro lado, e na condição de "testemunha ocular da história", José Marques de Melo nos conta sobre os bastidores da idealização e da implantação de projetos de Educação popular no Brasil, entre eles, o MEB, no capítulo "Mídia, Educação e Cultura Popular: notas sobre a revolução sem violência travada em Pernambuco no tempo de Arraes (1960-1964)", que, como o título sugere, remete às iniciativas de conquista, não sem contradições e disputas, por espaços educativos como estratégias de politização e de participação em períodos muito datados e críticos da história recente do País. Dois escritos, dois pontos de vista, convergentes em alguns aspectos, divergentes em outros e que revelam o quanto ainda há que se investigar sobre os anos de chumbo no Brasil e como as marcas desse período foram impressas em projetos políticos e sociais, coletivos e individuais.

O capítulo seguinte faz o link entre esse passado e o que está se anunciando como o futuro. Em "Rádio web na Educação: possibilidades e desafios", Nelson De Luca Pretto, Maria Helena da Silveira Bonilla e Carla Sardeiro resgatam pesquisas sobre a temática e articulam as experiências de uso do rádio na Educação com as novas possibilidades trazidas pelo uso das tecnologias digitais a fim de promoverem a implementação de rádios web nas universidades e escolas. Destacam a rica possibilidade da cibercultura mostrando que o rádio pode ser um elemento promotor da valorização da cultura local com uma interação planetária.

Já Cicília Peruzzo, no capítulo "Rádios livres e comunitárias, legislação e educomunicação", sugere algumas pistas sobre práticas comunitárias de comunicação a partir do rádio, principalmente no que se refere às dimensões política e educativa e às limitações impostas aos grupos civis que procuram exercitar o direito à comunicação. Na sequência, em "A rádio comunitária na construção da cidadania e da identidade", Lílian Bahia analisa o papel das rádios comunitárias na construção da cidadania, fundamentando-se na experiência das Rádios União (Belo Horizonte, MG) e Inter-FM (Brumadinho, MG), na reconfiguração da esfera pública na região Metropolitana de Belo Horizonte. Já Mauro José Sá Rego Costa traz novos

acordes para o discurso do/sobre o rádio na "busca de um rádio inventivo". Passeando pelas paisagens sonoras de Schafer, o capítulo descreve e amplifica como foi feito "Para criar o site Radioforum, em busca de um rádio inventivo".

No capítulo "O rádio dos meninos", Fábio Martins resgata o pioneirismo de Roquette-Pinto na história do rádio no Brasil discutindo conceitos como os de "educomunicação" e "educomídia" e analisando uma experiência de rádio na escola implantada em Minas Gerais. Em "Rádio como política: uma experiência paradigmática em educomunicação", Ismar Soares, analisa o Projeto Educom.rádio, que nasceu em 2001 da parceria entre a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo e o Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE-USP). A partir da mediação de uma gestão colaborativa e democrática dos recursos da comunicação, o projeto introduziu a "prática educomunicativa" nas escolas. A experiência de uma rádio comunitária de grande repercussão no Brasil, a Rádio Favela, de Belo Horizonte, é objeto da análise de Ana Paula Bossler, no capítulo "Divulgação científica na Rádio Favela FM: percursos discursivos e a ciência na ausência da imagem", em que a autora mostra como a divulgação do conhecimento científico ocorre nesse veículo de modo a aproximá-lo e tornálo familiar ao não cientista, contemplando a "ciência" presente no cotidiano das pessoas. O capítulo "Soluções em software livre para rádio web", de Nelson Pretto, Maria Helena Bonilla, Fabricio Santana, Bruno Gonçalves, Mônica de Sá Dantas Paz e Hilberto Costa, introduz, de forma mais específica, a questão do uso dos softwares livres na implementação de rádios web nas escolas, constituindo-se num importante "roteiro" das possibilidades, dos programas e das configurações necessárias para que professores e alunos possam implantar projetos de rádios nas escolas e universidades.

Deste capítulo atravessamos o oceano Atlântico e trazemos as experiências europeias de Portugal e Espanha, com estudos comparados que enriquecem e aprofundam a compreensão de experiências nacionais. Em "A rádio universitária como

modalidade educativa audiovisual em contexto digital: os casos da Espanha e de Portugal", escrito por Marcelo Mendonça Teixeira, Juan José Perona Páez e Mariana Gonçalves Daher Teixeira, vemos como o rádio na web vem se consagrando como um importante instrumento auxiliar e de apoio às aulas e que vão muito além do potencial instrutivo e formativo que historicamente tem conferido às instituições de ensino. Por último, fechando livro e na esteira das profundas mudanças que vêm ocorrendo no campo educacional com a inserção das tecnologias digitais, "Publiradio.net: desenho, desenvolvimento e avaliação de materiais didáticos *on-line* para a formação em comunicação", de Maria Luiza Barbeito, apresenta o processo de mudança vivido nas universidades espanholas, com a sua incorporação ao Espaço Europeu de Educação Superior (EEES).

Mesmo sabendo que não cobrimos nem um mínimo das experiências em Educação e Comunicação, esperamos que esta publicação da Coleção Cultura, Mídia e Escola ofereça ao leitor um pouco mais das inesgotáveis possibilidades que cercam e articulam saberes e fazeres em Comunicação e Educação.

> Nelson De Luca Pretto e Sandra Pereira Tosta